

## Que opções Moçambique tem para recuperar a vila de Palma tomada pelos insurgentes?

- Pela primeira vez, há registo de estrangeiros entre as vítimas dos ataques dos insurgentes
- Alguns trabalhadores evacuados de Palma para Afungi já começaram a chegar à Pemba
- Após a confirmação do ataque na quinta-feira, Governo ainda não deu o ponto de situação



Passam hoje quatro dias após o assalto à vila de Palma, localizada a menos de 50 quilómetros de Afungi, o local onde decorrem as obras do complexo industrial do projecto *Mozambique LNG*, liderado pela petrolífera francesa Total. As Forças de Defesa e Segurança (FDS) ainda não conseguiram recuperar a totalidade

da vila de Palma, situação que aumenta os receios de reedição do caso da vila municipal da Mocimboa da Praia que continua nas mãos dos insurgentes desde Agosto de 2020.

Os insurgentes isolaram a vila de Palma através de bloqueio das principais entradas por via terrestre, o que dificultou a chega-

da de reforços das FDS enviados a partir de Mueda. Na tarde de ontem, dezenas de efectivos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) foram vistos no Aeroporto de Pemba prontos para embarcar até Afungi e de lá seguirem até Palma. Até ontem as confrontações prosseguiram em diferentes pontos da vila, que se encontra



totalmente abandonada pela população.

Devido ao corte de comunicações das três operadoras, continuam escassas as informações sobre vítimas humanas e o nível de destruição da vila. Mas testemunhas que chegaram ontem à Pemba descreveram uma situação terror vivida na quarta-feira e quinta-feira. Trata-se de trabalhadores nacionais e estrangeiros que foram resgatados de Palma para Afungi, a zona fortemente protegida pelas FDS no âmbito do memorando de entendimento assinado entre o Governo e a Total. Transportados em avionetas e helicópteros, alguns chegaram à Pemba vestidos com coletes à prova de balas.

Mas não eram apenas sobreviventes que chegavam à Pemba. Urnas transportando vítimas do ataque à Palma também foram vistos a chegar, num dia em que o Aeroporto de Pemba registava forte presença de elementos das FDS. Informações ainda não confirmadas apontam para a morte de pelo menos sete (7) pessoas que faziam parte das mais 150 que tentaram fugir do Hotel Amarula e caíram numa emboscada dos insurgentes, na tarde de sexta-feira. Localizado fora do centro da vila de Palma, o Hotel Amarula foi o local de refúgio para muitos trabalhadores (sobretudo estrangeiros) e dirigentes do Governo distrital, facto que o transformou em alvo preferencial dos insurgentes.

Até aqui ainda não são conhecidas as nacionalidades de todas as pessoas assassinadas, mas é um facto que pelo menos um sul-africano está entre as vítimas. A mãe da vítima contou ao jornal sul-africano News24<sup>1</sup> que chegou a pedir ajuda às autoridades de Pretória quando foi que informada que o Hotel Amarula, local onde se encontrava o filho, estava debaixo de fogo cruzado. Informações não confirmadas apontam para a existência de britânicos mortos no ataque, além de um número significativo de estrangeiros que continuam incontactáveis.

Ainda de acordo com a News24, o Presidente da África do Sul teria reunido na tarde de ontem com o Ministro da Defesa e outros dirigentes das Forças Armadas para analisar a situação de Palma, numa altura em que algumas famílias que têm parentes a trabalhar em Cabo Delgado acusam o Governo de Cyril Ramaphosa de não ter agido a tempo para evitar a perda de vidas. Em Palma e Afungi há uma presença significativa de trabalhadores e investidores sul-africanos cujas empresas prestam serviços



e fornecem bens às petrolíferas.

Além de trabalhadores expatriados, há relatos que apontam para a morte de muitos moçambicanos, cujos corpos decapitados foram vistos nas ruas. Aliás, nas operações de evacuação aérea de Palma para Afungi dava-se prioridade aos trabalhadores estrangeiros e os dirigentes de Palma, deixando para o segundo plano os moçambicanos. As operações eram coordenadas pelas FDS, DAG (empresa militar sul-africana) e especialistas de segurança da Total.

A grande questão que se coloca neste momento consiste em saber o que o Governo de Moçambique vai fazer em relação à vila de Palma. Será que vai acontecer o mesmo que sucedeu em Mocímboa da Praia, em que a vila continua sob controlo dos insurgentes ocupada desde Agosto? Caso contrário, quais são as opções que o Governo tem para recuperar o controlo da vila de Palma? Será que irá contar com apoio militar externo para expulsar os insurgentes? Sabe-se que vários países que têm interesses em Cabo Delgado estão a contactar o Governo para discutir como resolver a situação de Palma.

A Total já ameaçou não retomar, em Abril, as actividades de construção do complexo industrial de Afungi em caso de o Governo

não conseguir recuperar a vila de Palma. Lembre que o ataque de quarta-feira aconteceu um dia depois do Governo e a Total terem anunciado a retoma gradual das obras de construção do complexo industrial de Afungi a partir de Abril. O anúncio aconteceu três meses depois de a Total ter interrompido os trabalhos devido às ameaças de segurança, após ataques nas proximidades da zona de implementação do projecto *Mozambique LNG*. Na sequência, a petrolífera francesa exigiu às autoridades moçambicanas a definição e implementação de um plano de acção com o objectivo de reforçar a segurança num perímetro de 25 quilómetros do centro das operações petrolíferas.

Em resposta, o Governo declarou a área do projecto *Mozambique LNG* como sendo uma zona de operação especial de segurança e reforçou as infra-estruturas de segurança e o contingente das FDS para garantir a retoma das obras de construção da fábrica de GNL e dos programas de desenvolvimento comunitário. O controlo da zona de operação especial da área de segurança continua a ser assegurado exclusivamente pelas FDS, à luz do memorando de entendimento assinado entre o Governo e a Total em Agosto de 2020.

<sup>1</sup> <https://www.news24.com/news24/southafrica/news/breaking-ramaphosa-calls-meeting-on-mozambique-attacks-as-families-say-they-were-let-down-20210327>



**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

**Propriedade:** CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** Emídio Beula  
**Autor:** Emídio Beula  
**Equipa Técnica:** Emídio Beula, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando.  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
 Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.  
 Telefone: +258 21 085 797

**CDD\_moz**  
**E-mail:** info@cddmoz.org  
**Website:** http://www.cddmoz.org

**PARCEIRO PROGRAMÁTICO**



**PARCEIROS DE FINANCIAMENTO**

